



## UM ESTUDO BIOGRÁFICO ATRAVÉS DA OBRA DE MANUEL QUERINO:

### O EU NARRADO NA SUA ESCRITURA

MARIA DAS GRAÇAS DE ANDRADE LEAL\*

PALAVRAS CHAVE: Manuel Querino; Biografia; Trajetória intelectual; História da Bahia

Era quarta-feira de cinzas de 14 de fevereiro de 1923. Ao centro da sala de visitas, jazia Manuel Raymundo Querino em um esquife modesto, ladeado por diversas flores colocadas pela viúva, seus dois filhos e por muitos amigos. Aquele homem franzino, com 72 anos incompletos, de pele negra, cabelos brancos, vestido com o inseparável e impecável terno escuro, descansava, entregando-se ao futuro, à história.

Alguns sabiam que ali repousava uma pessoa ilustre, com uma vida a ser desbravada pela posteridade. Foi um homem dedicado às artes, ao ensino, às letras e à política. Construiu, a partir do seu ponto de vista e da perspectiva popular, uma história individual e coletiva que fixou na obra que produziu. Nela, o autor estabeleceu uma trama biográfica contada por ele mesmo, cuja linguagem se constituiu em palco onde viveu plenamente o seu drama. Ergueu seu cenário e desempenhou diversos papéis, intermediando ações de outros sujeitos, ora protagonizando, ora imerso na penumbra, ora esquecido em seu próprio discurso.

Como texto memorialístico, e por isso autobiográfico, considerado uma “escrita do eu” permeada pela identificação entre autor/narrador/personagem, Querino materializou-se em um relato retrospectivo enquanto “experiência de alguém que [queria] contar sua vida para dizer quem [era]” (JOSEF, 1998: 296-298). Eternizou-se na obra que concebeu, considerando que toda obra é sempre bio-grafia, vida grafada (HOISEL, 1993: 39).

Ao narrar a história dos negros, trabalhadores, artistas, povo na sua mais diversificada atividade, referindo-se aos períodos da monarquia e dos primórdios da república, Querino contou a sua vida com alma, tal como reviveu a sua história na história de outros num discurso autêntico que transita pela fronteira do ficcional e do verídico. O eu do autor foi revelado nas suas mais diversas motivações. Para torná-lo visível no seu texto, o sujeito-escritor foi problematizado na sua atualidade, no momento da sua escrita, por considerar o conteúdo testemunhal da sua obra como reconhecimento da capacidade de re-memorar e fazer desencadear

---

\* Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia-Campus V. Doutora em História Social.

sentimentos passados, presentificando-os. Neste caso, o memorialista Querino, apresentou em sua obra “um documento de ‘boa fé’ e uma versão personalizada da história”(COSTA LIMA, 1986).

Como criador e intérprete, Querino reconhece-se no universo construído por quem desejou ressuscitar o que teria ficado no esquecimento, resgatar a memória coletiva, recuperando o eu refletido no outro, fugindo, assim, do destino individual para buscar a aceitação da alteridade. Desta forma, Querino “lembra para continuar vivendo e tomar consciência de si” (BURGOS, 1998: 298).

Refletiu e registrou inquietações próprias de um homem, nascido no tempo da escravidão, que se posicionou, expressando-se com indignação diante de questões que o afligiram, a exemplo da situação política, social e cultural da população trabalhadora, pobre, destituída de direitos e de cidadania. Foram preocupações que refletiram a sua própria trajetória, por ter experimentado diversas situações difíceis, as quais puderam ser identificadas a partir do seu próprio discurso e da luta que realizou ao longo da vida, cujos elementos centrais refletiram a sua condição de negro e pobre.

Entre 1903 e 1922, produziu a sua escritura na perspectiva da história-testemunho enquanto participante, observador, pesquisador crítico que viveu em um período de muitas transformações no interior de tantas outras permanências que marcaram os processos que culminaram na abolição da escravidão e implantação e consolidação da República no Brasil. A sua obra é referência significativa para compreender o autor na sua relação com o mundo do trabalho, o viver de negros escravizados, africanos e nacionais, em um cotidiano experimentado, observado, ouvido, interpretado e registrado em forma de texto “memorialístico” por este sujeito-autor.<sup>1</sup> Constituiu-se no eixo das análises que valorizaram o sujeito Querino na sua relação com a

---

<sup>1</sup> **Bibliografia publicada - Livros:** Desenho Linear das Classes Elementares, 1903; As artes na Bahia (Escorço de uma contribuição histórica), 1909 (2. Ed. 1913); Artistas Baianos – indicações biográficas, 1909 (2. Ed. 1911); Elementos de Desenho Geométrico – compreendendo noções de perspectiva linear, teoria da sombra e da luz, projeções e arquitetura, 1911; Bailes Pastorais, 1914; A Bahia de Outrora – Vultos e Fatos Populares, 1916 (2. Ed. 1922; 3. Ed. 1946; 4. Ed. 1954); A Raça Africana e os seus Costumes na Bahia, 1916 (2. Ed., 1917; 3. Ed. 1955); O Colono Preto como Fator de Civilização Brasileira, 1918 (2.ed. 1954 com o título O Africano como Colonizador); A Arte Culinária na Bahia, 1928 (2.ed. 1951); Costumes Africanos no Brasil, 1938 (Coletânea de 4 trabalhos; 2. Ed. 1988). **Artigos:** Os Artistas Baianos – indicações biográficas, 1905; Contribuição para a história das artes na Bahia – José Joaquim da Rocha, 1908; Teatros da Bahia, 1909; Contribuição para a História das Artes na Bahia – os quadros da Catedral, 1910; Contribuição para a História das Artes na Bahia – Notícia biográfica de Manuel Pessoa da Silva, 1910; Episódio da Independência I (1913); A Bahia e a Campanha do Paraguai, 1913; As Cavalhadas, 1913; A litografia e a gravura, 1914; Primórdios da Independência, 1916; Candomblé de Caboclo (ligeiras notas a propósito de uma oferta feita ao Instituto pelo Coronel Arthur Ataíde de objetos pertencentes a um famoso Candomblé de caboclo da cidade do Salvador), Maio de 1919; Notícia Histórica sobre o 2 de Julho de 1823 e sua comemoração na Bahia; Os Homens de Cor preta na História; Um bahiano ilustre – Veiga Murici (1923).

sociedade, o seu tempo e com os demais pontos de interesse presentes em seus escritos memorialísticos, historiográficos, etnológicos, folclóricos, jornalísticos e artísticos.

Rastreado os caminhos percorridos por Querino, , com o propósito de se produzir uma biografia dinâmica e fecunda, a sua trajetória foi reconstruída no conjunto de tensões e conflitos, individuais e sociais, cujos interlocutores foram os pobres, os trabalhadores, artistas, artesãos, operários, o africano e descendentes. A partir de fragmentos documentais, escritos biográficos sobre Querino e a obra que concebeu, foram construídas as bases do conhecimento para estabelecer a aproximação com a pessoa de Querino, tomando emprestado o seu modo de conceber a sociedade e o tempo em que viveu. Assim, a postura adotada foi a de respeitar os limites tênues da biografia entre história e literatura, com a reunião não só da coleção de tudo o que se pode e deveria saber sobre o biografado, mas, também, de provocar “efeitos do real” através de um relato que revelou um estilo próprio do biógrafo, introduzindo “uma convicção razoável de verdade histórica”, tornando-a visível e justificável (LE GOFF, 1999: 22.). Tratou-se de uma re-criação do biografado, transformando “conhecimentos mortos num homem vivo”, ao emprestar-lhe a voz e o contar pelo olhar do historiador (ORIEUX, 1986:38).

Foi uma costura que implicou na criação de uma metodologia adequada à especificidade da vida de Querino, observando-se que, a partir do diálogo com as fontes e a subjetividade do pesquisador e do biografado, pode-se construir estratégias apropriadas a cada caso. As peculiaridades deste estudo em particular emergiram no diálogo com as fontes nas perspectivas do oprimido e de libertar o biografado do rótulo de herói ou de mártir, mas recapturá-lo na sua humanidade através da sua escrita.

A sua obra está distribuída em duas fases que se complementam. A primeira, entre 1903 e 1916, caracterizou-se pela produção de ensaios, artigos, crônicas, publicados em periódicos e livros que retratavam, criticamente, a situação das artes e dos artistas, dos trabalhadores e do povo em geral, no contexto republicano. Narrando e rememorando fatos, recuperou biografias de artistas e artesãos contemporâneos, produzindo uma memória da produção artística através de sujeitos históricos, social e profissionalmente desprezados pelo avanço das técnicas e dos monopólios, pelo preconceito e discriminação para com o trabalhador nacional, composta majoritariamente pela população negra e mestiça.

Na segunda fase (1916-1922), estudou e narrou a vida do povo e seus costumes através da memória e da oralidade, recuperando o cotidiano popular, bem como as tradições africanas, enfatizando a contribuição do africano na constituição da civilização brasileira.

Resgatou, positiva e afirmativamente, a participação produtiva, criativa e digna de africanos e descendentes, contestando as teorias raciais do século XIX. Expressou a sua decepção com a República.

A sua obra se constituiu em canal de denúncias, por traduzir uma experiência individual no âmbito das experiências coletivas que refletiam a angústia da população trabalhadora diante da miséria, falta de trabalho e de escolarização, a decadência das artes e dos artistas, os preconceitos de raça e de classe, a pressão exercida pelas elites para empurrar os negros e os pobres para os subterrâneos da sociedade republicana. Foi uma voz dissonante que resistiu não obstante os entraves sofridos. A sua posição polêmica, problematizadora, certamente lhe causou prejuízos profissionais, políticos e sociais. Sofreu represálias, foi perseguido, não conseguiu realizar seus pleitos profissionais, como funcionário público, por exemplo.

A sua crítica à nova ordem remete o autor a certo saudosismo, quando, na Colônia e no Império, a Bahia era valorizada como fonte de talentos intelectuais e inteligência. Na República não: “Desprestigiam-lhe o valor, deturpam-lhe o merecimento, fizeram-lhe representar o humilde papel de comparsa, em farrancho político, conservando-se estacionária e abatida, por ingratidão de seus filhos” (QUERINO, 1913: p.44).

O diálogo com a sua obra provocou um exercício de libertação dos cânones de uma pretendida “ciência”, que aprisiona ideias e oprime a criatividade, através de um testemunho como foi Manuel Querino. Considerado texto que recupera uma memória, que argumenta contra o esquecimento, Querino depôs sobre a ação depredadora da República ao recuperar valores e tradições coloniais e imperiais. Procurou a sua origem ancestral e demonstrou a diversidade das influências culturais para a formação da identidade nacional, recordando-nos que

os membros das classes inferiores foram agentes, cujas ações afetaram o mundo (às vezes limitado) em que eles viviam... tornando claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas (SHARPE, 1992: 60-62).

Procurando compreender a sua ancestralidade, Querino enveredou pelas ruas de Salvador, nas oficinas de negros artesãos, nos botequins e candomblés, por lugares onde pudesse encontrar africanos, na tentativa de salvar o que sobrevivia na memória de homens e mulheres em seus saberes clandestinos e misteriosos. Pesquisou, na sua tarefa de etnólogo, o



mundo africano, e resgatou valores culturais, sociais e políticos ameaçados de extinção da memória nacional através da política de “branqueamento” aplaudida pela civilização tropical republicana.

Assim, Querino colheu informações preciosas

de velhos e respeitáveis e que nô-la (sic) deram sem reservas nem subterfúgios, porque em *nós* estas pessoas não viam mais do que *um amigo de sua raça*, ou quem, com sincera simpatia sempre respeitou e soube fazer justiça à gente que o cativo aviltou, insultou e perseguiu, mas que não logrou jamais alterar-lhe as qualidades inatas, afetivas (QUERINO, 1988: 22-23. grifos meus).

No seu percurso pela movimentada cidade do Salvador, lembrou Marcelino, velho oficial de sapateiro, e o operário Roque Jacinto da Cruz, personagens destacados pelo autor entre tantos outros que compunham o grupo chamado de “oradores do povo”. São exemplos que servem para revelar a participação e envolvimento das camadas populares nos mais diferentes momentos da vida social.

Rememorando os oradores populares, Querino explicitamente se inclui ao dizer que “ouvira” em certa ocasião “o sapateiro Marcelino recitar um trecho de sermão pregado por fr. Raimundo, no Convento de São Francisco, na festa do Padroeiro” (QUERINO, 1916: 209). Passa a citar o sermão, ou parte dele, como se guardasse o texto com exatidão. E segue: “*Lembra-me* (grifo meu) ainda, recitado pelo Marcelino, do exórdio de um sermão de Sexta-feira Santa, pregado no Convento do Carmo por fr. José Joaquim do Amparo”(QUERINO, 1916: 209).

A sua capacidade de expressar a saudade nas entrelinhas do seu texto, faz com que Manuel Querino se revele insatisfeito com alguns dos caminhos adotados pela República. Neles, o esquecimento se tornava via obrigatória para incluir o Brasil, e a Bahia em particular, na rota da “civilização”. Reconhece, assim, a necessidade de não enterrar o passado. Para ele, lembrar consiste em exercício de re-fazer o percurso de uma experiência que haveria de ser apagada pela luz do progresso.

A eletricidade iluminara as “trevas”, o automóvel invadira as ruas, a solidariedade do povo recolhera-se nas casas, costumes alimentares modificavam-se, a mulher saíra do lar para a rua, a moda masculina transformara-se em “parvoíce”, o cantor de modinhas desaparecera da música da cidade. “Tudo isto é bom” porém “*tenho* (grifo meu) saudade desses dias que passaram na voragem do tempo”, apela Querino, recordando-se dos antigos costumes e do

funcionamento da cidade (QUERINO, 1946: 261). Incluído no discurso, como participante e observador, Manuel Querino irradia, em suas articulações entre passado-presente-futuro, o gosto amargo de quem havia provado a doçura de outrora, concluindo com esta metáfora:

Não há mais nada disso; tudo se afundou pela guela do minotauro que inventou os pórticos iônicos e os elevadores elétricos. De si nada ficou. As revistas não recolheram as suas silhuetas nem a imprensa o seu perpassar pelas ruas (QUERINO, 1946: 262).

Construiu o seu texto enquanto experimentava diversas formas de pressão que limitavam quaisquer tentativas de ascensão profissional, política e social. Como professor de desenho que era, comparou o passado Imperial e o presente Republicano ao analisar a Lei que criara o antigo Liceu Provincial e Escola Normal e as mudanças operadas na legislação de ensino, pronunciando o seu descontentamento:

Com os novos moldes, com as competências improvisadas da atualidade, cujo mérito se confina no egoísmo e na subserviência abominável, alimentaram preconceitos de classe e de raças, donde provém a aristocratização do ensino pela divisão de lentes e professores, resultando daí a posição inferior em que ficam colocados os que ministram o ensino do desenho e da música.

Estes não tomam parte nas congregações, vencem metade do ordenado dos outros como se fossem porteiros de repartição. Essa mal entendida distinção entre indivíduos que assumem as mesmas responsabilidades, tende a destruir a emulação, objeto indispensável à instrução pública (QUERINO, 1909: 50-51).

O seu texto articula experiências vividas, observadas, lidas e ouvidas, logo interpretadas e reconstruídas numa escrita que transita pela crônica, na perspectiva de perseguir o rastro da lembrança, cujo liame com a memória torna-se fragmento. Neste sentido, o “trabalho da memória que, justamente por se fundar sobre a luta contra o esquecimento, é também o reconhecimento implícito da força deste último: o reconhecimento do poder da morte” (GAGNEBIN, 1998: 218-219.). Desta forma, Querino eterniza-se e eterniza outros sujeitos nas suas narrativas, nas suas lembranças, não permitindo que fossem apagados os rastros de pessoas comuns, negros excluídos, que, sem nomes, sem trajetórias, sem existência, tornar-se-iam mortos sem sepulturas.

E assim se sucedem as passagens em que o sujeito-autor abordou a situação vexatória que a Bahia passava com o novo regime. A situação enganosa na República era observada

pela sede rápida de subir, ter fortuna, pois a “ganância do ouro sem amor ao trabalho”, a presença de oportunistas, bajuladores, refletiam a gravidade do momento:

Os espíritos sérios e refletidos vêm contristados, nessa deplorável conjuntura, os males que, debalde, por seus votos sinceros, quiseram conjurar.

O momento é grave e cheio de vagas inquietações, enredam-se nas intrigas de uma política de conveniências pessoais, que exclui toda dignidade de sentimentos e toda elevação de concepções.

O espírito popular, cruelmente desiludido, descrê de tudo e lança às aventuras do porvir a derradeira esperança (QUERINO, 1916: 45).

Atacou o presidente Affonso Pena (1906-1910), que se auto-considerava “o primeiro operário da nação.” Para Querino “operário do mal” e intitulado de “donatário do burgo Brasil”. Subindo e descendo de Petrópolis, entrava na Baía de Guanabara “cheio de emanações perfumosas” sob “continências do batalhão naval, ao som de cornetas e do hino nacional executado por banda marcial”, desfilando em direção ao Catete em sua carruagem escoltada “por um piquete de cavalaria.” Este era o homem que desgovernava o país em direção ao seu rebaixamento, conforme Querino. Arruinava as finanças, aniquilava o país, destruía-o como “uma formiga, que em pouco tempo devasta a plantação vistosa do lavrador laborioso; e bem assim, por um trabalho infernal, persistente, derruba prédios bem edificadas.” (QUERINO, 1913: 158).

Comparou o governo aos últimos Césares no declínio do Império Romano, ao tempo em que destacava a sua falta de popularidade e desagravo com que era tratado pelo povo. Assim reafirmou o seu testemunho:

O povo sabe que “o trabalho é a pedra angular do mundo moderno; é a alavanca do progresso ao serviço da humanidade; o agente infatigável de todas as civilizações.”

Portanto, não se conformam com os trabalhadores do mal as formigas sociais. (QUERINO, 1913, p. 159).

Em suas análises afirmativas sobre o negro e o mestiço como fatores de elevada importância para a constituição da nação brasileira, Manuel Querino concluía:

Do exposto devemos concluir que, somente a falta de instrução destruiu o valor do africano. Apesar disso, a observação há demonstrado que entre **nós**, os descendentes da raça negra têm

ocupado posições de alto relevo, em todos os ramos do saber humano, reafirmando a sua honorabilidade individual na observância das mais acrisoladas virtudes (QUERINO, 1988: 23).

Demonstrando ainda as imensas capacidades do povo baiano no desenvolvimento de talentos, aplicou, através da biografia de José Lauro de Azevedo, pintor, poeta satírico, químico prático e perfumista, a sua interpretação sobre os descompassos entre o propagado e o realizado na sociedade baiana. Como colaborador de “quase todos os jornais satíricos de seu tempo”, o artista produziu a oitava citada por Querino:

Mundo de infâmia e torpeza.  
É este mundo que habito;  
Só vale nele a riqueza,  
Chore embora o pobre aflito,  
O trabalho sempre é mal pago,  
O vício vence o pudor,  
A honra não tem valor,  
Ter talento é ser maldito (QUERINO, 1911: 95)

Com seu peculiar sentimento de saudade e indignação, Querino lembrou das noites de sábado, movimentadas pelos trovadores, especialmente na freguesia da Sé e parte da de São Pedro, para onde convergiam “notívagos” atraídos pelos afamados *mocotós da meia noite*. Era uma celebração “a horas mortas da noite, como se se tratasse de uma grande festa popular.” Reuniam-se “jornaleiros de todas as profissões, cantores de modinhas, tocadores de violão, caixeiros e outros amantes de diversões.” (QUERINO, 1946: 192). Relacionando tal festividade ao regime republicano, Querino desabafou:

Essas noites conservavam-se sempre muito animadas, até à proclamação da República, quando um dos primeiros governadores entendeu de dissolver aqueles pacíficos ajuntamentos, com receio da reprodução das graves correrias que assinalaram os primeiros dias do novo regime. Às nove horas da noite, quem penetrasse nos lugares acima observava o seguinte: um grupo se entretinha a jogar *três sete*, mudos como uma esfinge, a fazerem sinais com as cartas, com o olhar ou com gesticulação combinada, enquanto pontas acesas de cigarros baratos fumegavam nas extremidades da mesa. Aqui, alguns dividiam bebidas: são os que estão de cabeça *inchada e peito ferido*. Ali, outros assentados aplaudem os triunfadores da noite. Acolá, estão os trovadores que, em surdina, *davam o tom* aos tocadores de violão, para começo da cantoria. Às vezes, nessa questão de *dar o tom*, consumia-se largo tempo, pois não descansavam as craveiras do popular instrumento baiano (QUERINO, 1946: 193).



Manuel Querino foi um leitor contumaz do seu tempo. Capturou nas entrelinhas do texto social o que estava subentendido nos discursos e práticas das elites. Posicionou-se no jogo social, político e cultural assumindo o lugar do polêmico, do propagandista, do crítico. Através da sua obra, manifestou opiniões, expôs-se, posicionou-se, protestou, afirmou-se, militou em busca do ideal de liberdade, de justiça, de igualdade, de democracia, cujo foco era a emancipação social e política da população excluída, do negro discriminado, do pobre rejeitado, dos artistas e operários deslocados do mundo do trabalho e do lugar de cidadão.

Foi pioneiro na interpretação que apresentou sobre a sociedade brasileira e baiana em particular. Do ponto de vista do oprimido, desenvolveu uma análise crítica sobre a realidade que se apresentava. Levantou duas questões: o lugar do povo na República e o lugar do negro na sociedade brasileira.

Fez-se escutar. Contou a história do oprimido, do africano, do negro, do mestiço, do povo brasileiro. Ele emergiu do meio popular. Sua matriz africana referendou o seu trabalho intelectual sobre a formação da sociedade brasileira. Contou a sua história.

Na sua trajetória de intelectual conseguiu, simultaneamente, sair do anonimato e retirar da obscuridade a maioria dos africanos, negros e mestiços brasileiros. Passou a integrar a galeria dos estudiosos baianos que levantaram a bandeira da participação ativa de africanos e descendentes na construção do Brasil. Foi o mérito do falecido. A sua luta foi eternizada em seus escritos, considerados fonte de inspiração, na qual a memória se constituiu em principal arma de resistência ao persistir na batalha pela afirmação histórica do povo socialmente excluído, porém essencial para a formação da identidade brasileira.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURGOS, Elizabeth. Meu nome é Rigoberta Menchú in LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 1998

COSTA LIMA. Júbilos e misérias do pequeno eu in *Sociedade e Discurso Ficcional*. R.J.: Guanabara, 1986

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. *Projeto História. Trabalhos da Memória*, 17. SP: EDUC, 1998

HOISEL, Evelina. *A Escritura Biográfica*. S.P.: USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, 1996, (Tese de Doutorado)

JOSEF, Bella. “Auto)Biografia”: os territórios da Memória e da História in LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatthy (orgs.). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas, S.P.: Editora da UNICAMP, 1998

LE GOFF, Jacques. *São Luis: Biografia*. R.J.: Ed. Record, 1999

OIREUX, Jean. A Arte do Biógrafo in DUBY, G. et al. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986

QUERINO, Manuel Raymundo. *A Bahia de Outrora – Vultos e Fatos Populares*. 3. ed. Livraria Progresso/Coleção de Estudos Brasileiros, série 1ª – Autores Nacionais, 1946

\_\_\_\_\_. *A Bahia de Outrora – Vultos e Fatos Populares*. Bahia: Econômica, 1916

\_\_\_\_\_. *Costumes Africanos no Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco – Ed. Massangana, 1988

\_\_\_\_\_. *As Artes na Bahia (Escorço de uma contribuição histórica)*. Bahia: Typ. E Encadernação do Lyceu de Artes e Offícios, 1909

\_\_\_\_\_. *As Artes na Bahia, (Escorço de uma contribuição histórica)*. 2. edição melhorada. Oficinas do Diário da Bahia, 1913

\_\_\_\_\_. *Artistas Bahianos – indicações biográficas*. 2. Ed. (melhorada, cuidadosamente revista). Bahia: Oficina da Empresa “A Bahia”, 1911

SHARPE, Jim. A História vista de baixo in BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*, 1992